

Três vezes Peirce

ANDERSON VINÍCIUS ROMANINI

Ao longo de um mês, entre 8 de outubro e 7 de novembro de 2002, ocorreram em São Paulo três importantes eventos que mostraram por que o pensamento de Charles Sanders Peirce vem assumindo um papel cada vez mais destacado no estudo e na pesquisa da semiótica e do pragmatismo. Foram eventos de projeção internacional, que discutiram as idéias peirceanas dentro de diversas áreas do conhecimento: o II Workshop on Computational Intelligence and Semiotics (8 e 9 de outubro) tratou das possíveis contribuições da semiótica de Peirce para as ciências cognitivas, notadamente ao estudo de sistemas computacionais que simulem processos da inteligência humana; a V Jornada do Centro de Estudos Peirceanos da PUC-SP (10 e 11 de outubro) foi um painel sinótico dos trabalhos em andamento ou recentemente concluídos relacionados com o pensamento peirceano e o V Encontro Internacional sobre o Pragmatismo (4 a 7 de novembro), que reuniu nomes importantes do pensamento filosófico peirceano de centros internacionais de pesquisa.

Os três encontros tiveram em 2002 novidades que ampliaram ainda mais o cardápio das atividades relacionadas a Peirce no Brasil. A já tradicional jornada do CEPE foi conjugada a um evento de projeção internacional, batizado de First Advanced Seminar on Peirce's Philosophy and Semiotics – seminário avançado para discutir aspectos mais sutis e profundos da filosofia e da semiótica de matriz peirceana, que estendeu a jornada do CEPE para um encontro de dois dias. Outra novidade interessante: o Encontro Internacional sobre o Pragmatismo teve sua programação ampliada com alunos da pós-graduação do Departamento de Filosofia da PUC-SP apresentando comunicações de suas pesquisas em andamento.

Esses eventos, mais uma vez, mostram que a cidade de São Paulo, graças prin-

principalmente aos núcleos de pesquisadores de semiótica e pragmatismo reunidos na PUC-SP, está se tornando referência internacional nos estudos de Peirce, atraindo a atenção e o interesse de intercâmbio por parte de pesquisadores de outros centros importantes. Nesses encontros, estiveram presentes scholars como o professor Joseph Ransdell (da Texas Tech University, criador do portal *Arisbe* [<http://members.door.net/arisbe>], principal pólo de divulgação e discussão da obra de Peirce na Internet), Nathan Houser (da Universidade de Indiana, editor geral do *Peirce Edition Project*, a mais importante iniciativa em curso de apresentar a obra de Peirce em sua evolução cronológica), André De Tienne (da Universidade de Indiana, editor associado do *Peirce Edition Project*) e Sandra Rosenthal (da Universidade de Loyola).

A eles, juntaram-se os principais nomes da pesquisa sobre a obra de Peirce no Brasil, como a professora Lúcia Santaella (do PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP), o professor Ivo Assad Ibri (do Departamento de Filosofia da PUC-SP) e o professor Lauro F. Barbosa da Silveira (da Unesp de Marília-SP). Os trabalhos e as discussões que se seguiram deram ao público a possibilidade de conhecer o estado da arte da pesquisa sobre semiótica e pragmatismo no Brasil e no mundo, mostrando como a obra de Peirce, apesar de ter sido produzida há um século, mantém-se incrivelmente fértil de insights para muitas áreas do conhecimento moderno.

II WORKSHOP ON COMPUTATIONAL INTELLIGENCE AND SEMIOTICS

Como uma semente capaz de germinar em todo tipo de solo, a semiótica de Peirce começa a assumir um papel importante também nos estudos das ciências cognitivas e seus campos afiliados, como a cibernética e as pesquisas em inteligência artificial. Algo parecido aconteceu com a filosofia, ao longo do século 20, quando o pragmatismo provocou a chamada "virada lingüística" – ou seja, a colocação dos problemas ligados às linguagens em geral (e, portanto, dos signos) na linha de frente dos questionamentos filosóficos.

O que se viu no II Workshop on Computational Intelligence and Semiotics, realizado no Instituto Cultural Itaú, em São Paulo, é que os estudos das ciências cognitivas parecem cada vez mais próximos da semiótica e, talvez, um pouco mais distantes da idéia inicial de que os computadores poderiam ser capazes de simular a inteligência humana apenas a partir de algoritmos e de rotinas matematicamente definidas. As contribuições no campo da semiótica de scholars eminentes como Joseph Ransdell e Lúcia Santaella mostraram que a obra de Peirce pode ofe-

recer dicas preciosas para importantes questões ainda em aberto das ciências cognitivas.

Aproximar as ciências da computação e a semiótica, porém, não é tarefa fácil, como ficou claro durante todo o encontro. Houve mal-entendidos, dificuldades terminológicas e, em alguns momentos, uma certa afasia comunicacional entre os representantes de uma ou outra tendência. As dificuldades nasceram dos tipos de pesquisadores que o encontro mesclou: de um lado, os semioticistas não possuem o mesmo conhecimento matemático dos estudiosos de computação; de outro, estes não dominam conceitos semióticos sutis que estão estreitamente ligados à tradição filosófica e lógica à qual Peirce se insere.

Durante o workshop, a professora Lúcia Santaella, em mais de uma oportunidade, criticou a visão ingênua que as ciências cognitivas têm de conceitos fundamentais da semiótica peirceana, como o de símbolo. Santaella enfatizou que a complexidade do símbolo envolve a participação de ícones e índices na sua construção, que é dada no tempo, enquanto as ciências cognitivas tendem a tomar o símbolo como uma entidade estática. A questão provocou um grande debate pois foi ao cerne do problema: o teorema fundamental da não-reducibilidade das relações entre as categorias de Peirce, segundo o qual não se pode construir uma relação triádica genuína (simbólica) a partir de relações diádicas. Assim, enquanto seres humanos podem desenvolver relações triádicas baseadas no contínuo da percepção, na experiência e do senso comum, computadores se mantêm restritos a cálculos discretos produzidos por algoritmos, que, mesmo nas suas versões mais sofisticadas, são incapazes de estabelecer relações triádicas genuínas. Sob esse mesmo prisma e com resultados semelhantes, foram discutidos os conceitos de "qualia" (ou qualidades, primeiridade) e o de mente.

Nos trabalhos apresentados, ficou claro haver entre os pesquisadores de inteligência computacional uma divisão entre duas espécies: aqueles que não acreditam que uma máquina possa adquirir intencionalidade, e por isso preferem dirigir suas pesquisas para computadores, programas, sistemas e ambientes que permitam a expansão da inteligência humana, em vez de sua reprodução, e aqueles que acreditam haver a possibilidade de criar, talvez a partir da própria semiótica de Peirce, relações triádicas que permitam a geração e o desenvolvimento de símbolos a partir de computadores. Para estes últimos, o domínio dos conceitos da semiótica e da lógica de Peirce parece fundamental, e há muito esforço para tentar equacionar idéias como abdução, criatividade, falibilismo e percepção, próprias do vocabulário da semiótica de Peirce, com os conceitos da computação por algoritmos.

As discussões demonstraram, porém, que, se há um grande campo de trocas e

contribuições possíveis entre semiótica e inteligência computacional, há também muito o que fazer para que essas duas áreas de pesquisa possam um dia dialogar tendo, ao menos, uma terminologia rigorosa e comum.

V JORNADA DO CENTRO DE ESTUDOS PEIRCEANOS E FIRST ADVANCED SEMINAR ON PEIRCE'S PHILOSOPHY AND SEMIOTICS

Embora realizados conjuntamente na PUC-SP, em dois dias, a V Jornada do Centro de Estudos Peirceanos e o First Advanced Seminar On Peirce's Philosophy And Semiotics tiveram objetivos bem distintos. A jornada do CEPE, que chega à sua quinta edição, é uma oportunidade para que pesquisadores, tanto em nível de mestrado quanto de doutorado, publiquem trabalhos relacionadas com a obra de Peirce. Geralmente esses trabalhos aplicam ou estendem os conceitos peirceanos a outras disciplinas, e a edição de 2002 não foi uma exceção. Os trabalhos apresentados vieram de áreas tão distintas quanto teologia, música, literatura, matemática, direito, psicologia, mostrando o rico mosaico das pesquisas em semiótica em curso no Brasil.

Houve, porém, algumas repetições desnecessárias de trabalhos que já haviam sido apresentados em jornadas anteriores, o que enfraqueceu a aura de novidade normalmente atrelada ao evento. A compensação, porém, veio com o maravilhoso trabalho de pesquisa intersemiótica do músico e compositor José Luiz Martinez (PUC-SP), que pesquisou aspectos da música e da dança no norte da Índia – um exemplo de criatividade de proposta e rigor científico na aplicação dos conceitos da semiótica.

Já o First Advanced Seminar on Peirce's Philosophy and Semiotics surpreendeu tanto pela qualidade dos seminaristas quanto pela profundidade dos textos discutidos. O professor Joseph Ransdell apresentou um instigante texto sobre o estatuto semiótico da obra de arte e como se dá sua recepção por uma mente interpretante. André De Tienne expôs um texto muito bem enredado sobre as relações entre símbolo e ego. Os debates sobre os textos desses dois eminentes especialistas em Peirce provaram a importância e a necessidade de termos, no Brasil, um trânsito mais freqüente com scholars de outros países, como é realmente a proposta deste evento. O texto de De Tienne, em particular, explicitou, com admirável leveza e clareza, aspectos freqüentemente negligenciados sobre a estreita relação entre o processo de formação de símbolos e o da emergência do ego como uma consciência em contínua transformação e crescimento.

V ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE O PRAGMATISMO

Um encontro sobre pragmatismo como este, com a reunião de especialistas de renome internacional, é sempre uma oportunidade para discutir questões fundamentais relacionadas ao pensamento de Peirce e à sua filosofia – como as muitas variedades do pragmatismo, a diferença entre o pragmatismo peirceano e o jamesiano e como o pragmatismo pode se colocar como método de análise de sistemas filosóficos e metafísicos. São questões por muitas vezes já debatidas, é verdade, mas que ainda suscitam dúvidas e desacordos entre os pesquisadores.

A professora Sandra Rosenthal defendeu a existência de um pragmatismo americano clássico que represente o primeiro momento dessa filosofia e cujos representantes maiores são Peirce, James e Dewey. Para ela, a primeira vertente pragmatista já se constitui numa ferramenta poderosa para a análise de movimentos considerados hoje de vanguarda. A razão disso é que o pragmatismo clássico, da maneira como hoje o entendemos, não se propõe a fazer apenas uma análise racional de sistemas filosóficos ou metafísicos. Antes, o verdadeiro pragmatista deve ter a capacidade de fazer emergir, à tona da razão, verdades criativas que muitas vezes subjazem no âmago dos sistemas filosófico-metafísicos de maneira não raramente vaga e indeterminada.

Nessa mesma linha de raciocínio, o professor Ivo Assad Ibrí mostrou que o procedimento pragmático, como método de análise, empresta da fenomenologia e das ciências normativas as ferramentas científicas que lhe permitirão construir um parecer – sem, no entanto, perder seu caráter falível e hipotético. Na verdade, o procedimento pragmático inclui a dúvida no seu cerne e, então, assume a percepção como única porta por onde todo conhecimento possível pode entrar, depurando da experiência aquilo que existe de conformidade entre a cognição e a realidade. Como Ibrí ressaltou, não há um objeto incognoscível vedando a porta do conhecimento pragmático. O que existe, atravancando a verdade sobre a metafísica, são hábitos mentais decorrentes de raciocínios tortuosos e insustentáveis – e é contra esses hábitos que o pragmatista deverá girar suas baterias.

Não há, porém, qualquer promessa de uma verdade final no procedimento pragmático. O pragmatismo não é teleológico, no sentido de reencontrar um éden perdido. Mesmo quando adotado corretamente, guiado pela fenomenologia e depurado pela razão, o pragmatista não pode jamais assumir uma ingênua posição meliorista. Essa posição foi enfaticamente defendida pelo professor Nathan Houser durante o encontro. Para ele, há no pragmatismo um evolucionismo radical que impede a cristalização da verdade numa estrutura estável. O pragmatista deve en-

carar o fato de que tudo é passageiro e que não há espaço no futuro para a precocizada individualidade ocidental. No entanto, Houser não extrai disso um pessimismo absoluto, já que é na efemeridade das coisas da vida, na sua constante mutação, que possibilidades podem ser atualizadas – assim como sementes podem gerar flores ou seres humanos podem gerar beleza, virtude e bondade.

ANDERSON VINÍCIUS ROMANINI é doutorando em Comunicações na Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP); é também bolsista do CNPq.

vinirioma@yahoo.com

Artigo agendado em agosto e aprovado em janeiro de 2003.